

Isto que vou dizer parecerá um contrassenso; mas não é.

Devemos, ou não, ser fieis a nós próprios, aos nossos objectivos, às nossas crenças e aos nossos valores?

A resposta a isto não é simples, nem complexa, mas pode ser longa, repleta de diálogos – interiores ou não –, cheias de questionamentos filosóficos, e racionais, e confusa...

Vejamos...

Nós próprios é uma entidade que se subentende como nós; isto é: quem nós somos. E quem é que nós somos?

Esta é uma pergunta com rasteira, porque – efectivamente – poucos de nós a fazemos e, somos ainda menos, aqueles, que conseguimos chegar a uma resposta. E porque será assim?

Porque «nós próprios» é uma entidade em construção; desde o dia em que nascemos até ao dia em que morremos...

Por isso, o ser fiel a nós próprios, aos nossos objectivos, às nossas crenças e aos nossos valores, é algo que pode assumir diferentes aspectos, formas e comportamentos ao longo da vida.

Considerando que os nossos objectivos podem mudar ao longo da nossa vivência e que isso pode ser resultado de alterações nas nossas crenças que, por sua vez, transformam os nossos valores, parece-me que estamos perante uma equação complexa com múltiplas variáveis que se influenciam umas às outras – muitas vezes – de forma inesperada.

Então, na verdade, o ser fiel a nós próprios, é algo que apenas nós próprios poderemos saber o que é; e que – a bem da verdade, se diga – pode, aos 20 anos, ser algo muito diferente do que era aos 15.

No entanto, há um conjunto de regras que nos são impostas pela sociedade; é uma miríade de instruções, quase inconscientes, que se vão instalando em nós, das mais diversas maneiras, e que nos vão dizendo como devemos ser, como nos devemos comportar, o que os outros esperam de nós e o que nós poderemos esperar dos outros.

Este corpo de regras passa a integrar quem nós somos; mas só em parte. Para muitos de

nós, o processo de socialização não é simples, porque as regras que nos impõe não nos fazem sentido; ou porque – simplesmente – somos diferentes da maioria, neste ou naquele aspecto. Quando isto acontece, temos formas de estar e de nos comportar que chocam os outros e que, por isso, não são bem aceites.

Antes de prosseguir, gostaria de ressaltar que as regras são feitas para as maiorias e que as maiorias é que reinam e acho isso natural; as minorias, contudo, têm de ter o direito de ser diferentes sem que isso as prejudique...

Infelizmente, não é assim. O prejuízo das minorias existe; não oficialmente, mas encapsulado nos ditames do que é normal. Acha-se, por exemplo, natural que uma pessoa diferente seja tratada de forma distinta das demais, embora no mau sentido; isto é, não se trata de modo diferente porque se aceite a sua diferença, mas porque sendo diferente se discrimina...

E é assim que coisas tão simples, como acreditarmos profundamente em nós próprios, nas nossas competências, e não vacilarmos perante a rejeição dos outros, nos tornam um alvo a abater. Porquê?

Porque sermos fieis a nós próprios, neste caso, vai contra o conjunto de instruções de socialização que diz que sermos confiantes perante outros é arrogância, é falta e humildade e vaidade. É estranho, não acham?

Afinal, fartamo-nos de ouvir apelar à confiança pessoal, ao auto-conhecimento e ao respeito por nós próprios e, depois, quando o conseguimos, somos discriminados... Porque será?

Francamente, não sei... Mas estou certo de que todos nós, em algum momento da vida, sentimos isso; e ficámos perplexos, injustiçados, incrédulos, enraivecidos...

E como fazer, então?

É simples... O sermos fieis a nós próprios – aquilo que só nós sabemos se o somos ou não – não implica anunciar ao mundo que o somos, porque – na verdade – não há ninguém no mundo que tenha forma de saber se isso é assim ou não. Implica, isso sim, fazermos aquilo que nos prejudicará menos; e se isso implicar fingir que ficamos tristes e desolados com a atitude de um estarola qualquer, que seja... No final de tudo, continuaremos fieis a nós próprios, porque a nossa confiança continua cá – intacta -, mas a discriminação – essa – não teve lugar, pois o estarola continuará a achar-se empoderado e não sentirá necessidade de

nos humilhar; talvez até do alto da sua vaidade nos conceda aquela oportunidade de que precisamos... E nós?

Nós?! Nós continuaremos fieis a nós próprios, porque – na verdade – interpretámos um papel para que pudéssemos continuar a sê-lo; e um dia mais tarde, já sem a necessidade do reconhecimento de nenhum estorola, poderemos tentar mudar o mundo de acordo com o que achamos mais correto.

*Imagem de [Aaron Cabrera](#) por [Pixabay](#)*